

RESERVA PEDRO QUINCAS

Lara Sofia Zanuzzo (G-UNIFEV)
Evanir Regina Moro Peichoto (UNIFEV)

Resumo

De acordo com lideranças de ONGs ambientais, como *Greenpeace*, Fundação SOS Mata Atlântica e WWF, e pesquisas científicas, o desmatamento e a falta de consciência crescem de forma transparente. Criação de APPs, ZEPs e reservas legais só acabam por criar uma falsa ecologia ou “simulacro ecológico”. Se não houvesse tais normatizações, estas áreas verdes realmente existiriam? O que traz problemas não é o fato, mas a maneira como o homem intervém na natureza. Nesse sentido, propõe-se a elaboração de um projeto arquitetônico que coloque o ser humano sob total interferência da natureza, sem poder tocá-la, apenas sentir e apreciá-la. O problema que se coloca é encontrar o estado da natureza conforme nossa realidade. Nessa perspectiva, a linguagem arquitetônica busca reintegrar a Reserva Pedro Quincas, promovendo uma relação mais harmoniosa entre homem/natureza, readequando as populações locais e os ecossistemas.

Palavras-chave: Ecologia. Consciência ecológica. Arquitetura.

Introdução

Pensando sobre a frase de Lorde Byron, que diz:

Há um tal prazer nos bosques inexplorados; há uma tal beleza na solitária praia; há uma sociedade que ninguém invade, perto do mar profundo e da música do seu bramir; não que ame menos o homem, mas amo mais a Natureza [...] (BYRON, 1818).

Descobrimos um novo sentimento possível ao homem, talvez não seja ele novo, mas sim esquecido, ou até perdido por nós, através da intoxicação com as produções industriais, novas tecnologias e artefatos da globalização, ou “mundialização”.

A história do meio ambiente, até nossos dias, pode ser dividida em três fases.

A primeira ocorre desde os primórdios da existência do homem até a segunda metade do século XVIII (1760). Neste período, nossa raça sentia-se vitalmente ligada às produções da natureza, tanto para alimentação, como para abrigo e proteção. Erramos ao dizer que isto ocorria em função de falta de informação e técnicas de cultivo, construção ou outras, ou até mesmo de ciências como física, astronomia e química, pois as civilizações passadas desenvolveram técnicas que até hoje nos surpreendem ou nos são mistério.

A segunda fase vai desde a primeira Revolução Industrial até a época atual. Neste período, o homem se fecha em prol de descobrir e desenvolver meios de produção de bens de consumo, forçando uma produção cada vez mais rápida a partir da matéria-prima retirada do meio natural. Começamos uma corrida desesperada pela transformação de um bem comum, sem raciocinarmos, ou mesmo levarmos em consideração, que este é finito; criamos uma idéia de desenvolvimento tecnológico eterno, sem barreiras, sem pensar que as fontes das quais dependemos para nossa mera e frágil existência cada vez diminuem mais, e estão a ponto de se esgotar. Seria como você partir em uma peregrinação no deserto, levar apenas um cantil com água, e não saber quantos dias irá durar sua viagem; depois das primeiras horas de

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

caminhada, sente a sede e, lembrando-se do cantil, você o abre e toma, mas não bebe apenas o suficiente, mas sim toda a quantidade da reserva, sem pensar em quando irá encontrar alguma fonte de água potável, ou até se irá mesmo encontrá-la. Será que estamos nos esquecendo que não sabemos a duração da caminhada da humanidade na Terra? Ou será que estamos confiando em um breve oásis no meio do deserto? Estamos nós perdidos em frente a uma miragem de tecnologias e desenvolvimento desenfreado?

A terceira fase da história é a parte da qual estamos participando. Estamos em um local um pouco mais alto da montanha; alguns olham apenas para cima, querem continuar a caminhada sem refletir e analisar os prós e os contras das ações realizadas até então; sendo que olhar para baixo e refletir de maneira positiva no restante da escalada seria o correto. A geração atual é a primeira a poder realmente perceber o fruto maduro das ações até hoje realizadas e, a partir disto, se preocupar com o presente e o futuro de nossa casa – o planeta Terra. Sabemos que os tóxicos contidos no cigarro podem nos prejudicar, adoecer ou até matar ao longo do tempo, mas, segundo o *University College* de Londres, 34% dos fumantes não pensam em parar, ou pior do que isso, milhares de novos fumantes nascem a cada ano. Somos assim, sufocamos nossas preocupações com mais de nosso próprio veneno.

1. Conceitos

A idéia inicial do projeto foi trabalhar com uma área verde no perímetro municipal de Votuporanga¹ ainda intocada pelo ser humano e suas intervenções, com o objetivo de criar um projeto com um novo conceito de integração homem x natureza. Utilizando tecnologias verdes, mecanismos sustentáveis, ideais concisos, novos estudos e tendências como o *landscape urbanism*² e a arquitetura sustentável, analisando projetos de grupos como o *West 8, Site*, *Burle Marx* e, principalmente, observando a natureza; o objetivo do projeto é moldar um complexo ecológico que respeita seu entorno fixo e fluxo, pensa em um futuro próximo e vigente e, principalmente, aproxima e conscientiza o indivíduo do verdadeiro cerne do meio ambiente.

A área escolhida foi a reserva Pedro Quincas. Este pedaço de mata pertence a uma APP (Área de Preservação Permanente) do município de Votuporanga, tendo aproximadamente 2.500 m² e interliga-se com outras matas de municípios vizinhos como Valentim Gentil, Nhandeara, através de corredores verdes mantidos pela mata ciliar do rio São José dos Dourados, que recebe este nome por ser propício à piracema dos dourados. Por dentro, é cortada por uma estrada de terra municipal que também cruza o rio através de uma ponte com cerca de 20 metros, localiza-se cerca de 15 km da área urbana (8 km de estrada asfaltada, e 7 de estrada de terra). O local é pouco conhecido pela população votuporanguesa, apenas donos e trabalhadores de áreas rurais próximas acabam por ter certo contato; e por menor que seja, é o maior pedaço de mata nativa preservada no município de Votuporanga, o que mostra a falta de contato da população com a natureza, mesmo morando no interior do Estado, o que pode sugerir o contrário.

¹ Votuporanga, município localizado na região Noroeste Paulista, ocupado e povoado a partir de 1929.

² Urbanismo de paisagem procura se adaptar a topografia do terreno.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------



Imagem aérea da reserva Pedro Quincas
Fonte: Diogo Vicentini (2009)

Desde o início do projeto, muitos conceitos foram repensados, reestruturados, analisados e refeitos. A preocupação em como a idéia do ecológico é tratada atualmente, tem sido ponto de reflexão constante, e como poderia o “parque ecológico” estar contribuindo com esta “coisificação” de algo que é tão vivo. O tema em questão- ecologia- é tratado pelas principais fontes de informação como a televisão, internet, revistas, jornais e cinema como um grande espetáculo, sendo assim, sem a devida preocupação com o verdadeiro cerne do problema, gerando um conteúdo imagético distorcido, que é veiculado para a população em massa. Percebe-se que atualmente trata-se o tema como entretenimento barato e muitas vezes sensacionalista. A população não se vê mais como parte da natureza, muito menos como parte da problemática ocorrente e, sim, enxerga-se e se comporta como mero espectador. Como afirma Guy Debord (1997), “o espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação, que se torna imagem”.

Aparece então um aspecto contraditório sobre o local do projeto e sua concepção. Pergunta-se: a área ainda existiria se não houvesse normatizações legais para preservação de APPs? Por que existem APPs e ZEPs? A resposta é: simulacro ecológico. Aquela área não existia por respeito ou conexão nossa com o meio natural, mas sim por uma lei humana, criada de forma egoísta para nosso possível bem-estar, seja ele por proteger as nascentes, purificar o ar ou nos dar um local de lazer, ou mesmo para nos livrar de uma consciência pesada de como estamos futilmente tratando o meio que nos mantém.

Nota-se que a área não existe por si só, na verdade não existe ali uma área verde preservada, existe uma área verde normatizada. Ela é a norma que obriga a conservação (uma conservação extremamente superficial), ela é a representação de nossa pouca conexão com o vital, é a fragilidade que temos em manter as fontes de nossa própria existência. Tentando simplificar, se não fossem a esfera social de leis e normas da nossa atual sociedade, a mata não estaria mais ali, ou seja, no fator biológico e moral, a mata não acontece.

É a mesma coisa com reciclagem de lixo residencial e desuso de agrotóxicos. Por que recebemos gratificações pela realização destes? Resposta lógica: pela falsa consciência ecológica, pela cultura da despoltização, tão em voga na atual conjuntura.

A partir disto, percebe-se que a reserva Pedro Quincas é por si só o local ideal para a exploração do novo conceito. Não seria mais oportuno desenvolver tal plano de quebra de conceitos errôneos onde ele está mais aflorado, ou seja, na malha urbana? Refletindo sobre isto, percebemos que a reserva funcionaria como o coração e, a partir dali, se espalhariam

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

como órgãos entre a cidade construída, ou seja, a mata teria focos de reflexão pela área urbana. A mata seria o cerne da árvore, e dela partiriam os outros capilares.

As relações da humanidade com o socius, com a psique e com a ‘natureza’ tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a estas questões consideradas em seu conjunto. (GUATTARI, 2008)

Outro conceito retomado foi a relação homem/natureza. Na citação supra o autor defende que, através de nossa subjetivação, as relações deveriam estar formadas por três elementos vitais, sendo eles o social (relação entre pessoas e sociedades), a psique (relação pessoal do indivíduo com ele mesmo) e a “natureza” (meio natural em que, tanto o indivíduo, como uma comunidade, se encontra); e que se resume no termo “ecosofia”.

Estamos acostumados a tratar as relações da humanidade de forma separada, o que é errôneo. Assim sendo um psicólogo que se baseia só no estudo do comportamento humano e em doenças emocionais para tratar seus pacientes, sem levar em conta o ambiente de criação, tanto da parte material como das pessoas e situações; um urbanista que projeta um bairro sem levar em conta a tipologia de prováveis habitantes, situação natural, possíveis impactos gerados; ou mesmo um ambientalista preocupado apenas com a manutenção das espécies, fauna e flora, e não com a possível aproximação do homem, consciência ecológica da população local ou de impacto.

Se se tentar estabelecer o balanço da marcha pioneira, nos planaltos ocidentais de São Paulo e do norte do Paraná, ressaltará a obra destruidora dos pioneiros: a destruição da mata e, com isso, destruição da terra. A mola propulsora da marcha para o oeste reside no tenaz desejo de ganho. Para satisfazê-lo, são necessárias abundantes colheitas de produtos que se exportam e se vendem no ultramar. Impôs a economia do mundo pioneiro uma técnica agrícola devastadora àqueles homens por demais apressados. (LECLERC, 1984, p. 390).

Percebe-se que o “desejo de ganho”, ou seja, a incorporação dos espaços, em nome do capital, foi o fator preponderante que motivou “frentes de expansão” e “frentes pioneiras” a marcharem rumo ao “sertão”.

Ao contrário de muitos donos de terra na América Latina, os cafeicultores paulistas não tendiam a ver a terra como um patrimônio ancestral a ser conservado; consideravam-na um fator de produção e estavam constantemente a comprar novas propriedades à medida que as velhas perdiam a sua fertilidade. (LOVE, 1982)

Os autores constituem referencial para podermos entender o porquê de nossas terras paulistas estarem tão vazias de matas; esta degradação vem de muito tempo atrás. Nossos produtores e representantes financeiros nos legaram num curto espaço de tempo, um Estado classificado como o mais rico do país, porém, em longo prazo os impactos ambientais se firmaram como conseqüência da devastação das florestas tropicais, em benefício do avanço do capital.

O pior de tudo não é o que percebemos diretamente, mas sim indiretamente. O maior problema não está na derrubada das matas indiscriminadamente, na matança de animais

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

silvestres, ou na destruição de nascentes de água potável; mas sim na falta de uma identidade local, a favor da cultura e da sociedade na manutenção de bens que nos serão necessários durante toda nossa existência, nas gerações futuras e então, para findar, o cuidado com o meio natural.

O avanço do capital pelo sertão paulista promoveu a formação de uma intrincada rede de poder que não mediu esforços na formação de um mercado interno, mas sim na voracidade do capitalismo internacional, expropriando a parcela mais frágil da população, ou seja, que buscava viver em perfeito equilíbrio com o meio ambiente, que possuía identidade com a terra. Será que podemos denominar este fator de egoísmo-capitalista?

Hoje, um problema da máxima atualidade local e regional que pode ter importante relação com nossa linha de raciocínio é a expansão desenfreada da lavoura canavieira. Nota-se que o cultivo do café no estado de São Paulo nos rendeu escassez de matas “virgens”, porém a lavoura canavieira completou os impactos sócio-ambientais como aumento de temperatura, destruição de nascentes e solo pobre, além de despovoar a zona rural sugando o espaço das minorias rurais.

Ao percorrer e observar a reserva Pedro Quincas e seu entorno, vislumbra-se uma paisagem devastadora em que a mata mesmo sendo “engolida” pelas pastagens e pela plantação de cana-de-açúcar parece erguer os galhos para o infinito e gritar por socorro.

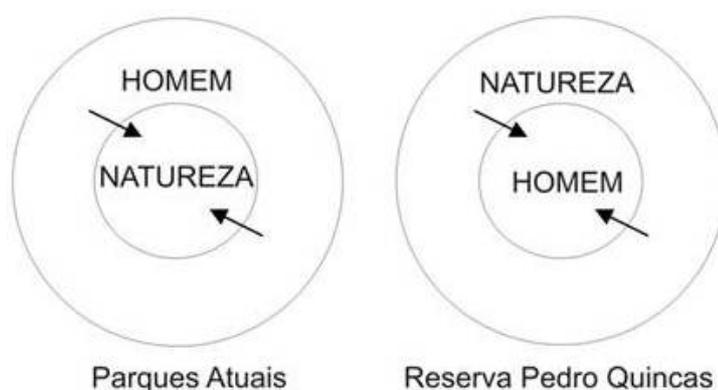
O homem, em seu processo evolutivo aprendeu a buscar na natureza o seu sustento, a viver um tempo cíclico, a agradecer aos deuses pela fartura. Com a internacionalização do capital, o próprio homem passou a agredir e a se distanciar da natureza. Hoje, sem rumo certo busca reparar seus danos com uma proposta para minimizar os impactos sócio-ambientais. O que fazer? Resposta: mudar de estratégia.

As normas ambientais, em sua grande maioria, não conseguem “criar” respeito pelo meio natural. Líderes de ONGs como Greenpeace, WWF e SOS Mata Atlântica, em depoimentos, revelam que às vezes usam práticas mais agressivas com grandes empresas poluentes, dizem que, mesmo com todo o esforço, não conseguem atingir os objetivos propostos.

Diferente de outros parques ecológicos e centros animais, como zoológicos, em que a natureza, seja ela fauna ou flora, está submetida a nós, nossa proposta de trabalho é buscar a submissão do homem à natureza.

O conceito final do projeto é a proposta de integração do homem, com o que restou da mata, sem permitir que o homem toque a natureza, apenas a aprecie e sinta. É possível?

A arquitetura possibilita a integração homem/natureza, de forma não parcial por desenvolver a percepção ambiental mito-poiética sintetizada no esquema abaixo.



Esquema de comparação

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

Conceito criado a partir da pesquisa: ‘‘Lara Sofia Zanuzzo -2009’’

2. Projeto

O projeto arquitetônico será desenvolvido em duas partes, o bloco térreo e o complexo aéreo. O bloco térreo é o único meio de acessar o complexo aéreo, ele é a conexão homem/natureza. Seu ponto ‘‘zero’’ nos exprime a ação do homem em sua totalidade, em toda a rigidez, 100% ser humano. Durante a permeação do indivíduo no local, a natureza vai aparecendo, o concreto e o natural vão se misturando, até que a natureza chegue aos seus 100%. Este conceito de hora todo humano, hora todo natural, é aplicado para mostrar o contraste que criamos com a natureza, e que não percebemos em nosso dia-a-dia. Neste bloco encontra-se a recepção/informações, área de alimentação, área de preparo para esportes radical-ecológicos (*snorkeling* e flutuação, bóia-cross, arvorismo, cicloturismo, trilhas, caminhada, etc.) e alojamentos.

O complexo aéreo se comporta como uma trilha aérea, onde o indivíduo percorre a mata dentro de ‘‘gaiolas’’ colocadas logo abaixo das copas das árvores. Caminhando pelas ‘‘gaiolas’’, chega-se a pontos de livre acesso, ou de acesso restrito, localizados acima das copas. Dentre estes pontos estão o Centro de Animais, Centro de Pesquisas Botânicas, campings aéreos, salas de palestra menores, observatório astronômico e pontos de observação da fauna.

Durante o percurso nesta trilha aérea, que será feito com inúmeros tipos de materiais como vidro, bambu, ferro, madeira reciclada, fibras de palmeiras, taipa, etc., as pessoas serão expostas à chuva, vento, som ambiente ou total silêncio, escuridão; ou seja, sensações diferentes que a natureza oferece a cada trecho. Como foi afirmado anteriormente, apenas o apreciar e o sentir, sem tocar, serão explorados como sensações no espaço da reserva.

O complexo visa o aproveitamento por escolas de ensino fundamental e médio públicas ou privadas, faculdades e universidades da cidade e região; e profissionais de várias áreas, principalmente da medicina veterinária, biologia e professores.

Conclusões finais

A falta de responsabilidade ecológica do homem, o não comprometimento do homem com a natureza e, principalmente a falta de respeito, de valores e de educação é que geram os desafios modernos da dicotomia – progresso, civilização, explosão demográfica x conservação de fauna e flora, despoluição das águas e do ar, como ensina VERNIER (1994).

Os impactos degradantes são irreversíveis, sem retorno, mesmo com os trabalhos de conscientização e até atitudes agressivas de órgãos protetores. O ser humano não desenvolve atitudes de consciência ecológica. Já que não temos controle sobre nossos impulsos, o projeto propõe um parque ecológico diferente, onde será possível sentir e observar a natureza, e não tocá-la. Talvez assim, uma nova forma de ver o meio natural possa despertar no imaginário como regulador que venha a desconstruir os falsos conceitos ecológicos propagados pelos meios de comunicação de massa e, a partir daí, a sociedade possa construir, na prática cotidiana, as três ecologias propostas por Felix Guattari: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana.

Nossa proposta não deve ser considerada uma fórmula mágica, mas sim uma tentativa de, subjetivamente, reinventar uma nova relação do homem com o meio ambiente antes que a degradação ambiental e a desconexão de valores e de ética capitalista venham a ‘‘tragar’’ um

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------

dos últimos redutos de esperança de educação ambiental. Assim, através da arquitetura buscamos discutir a relação, a conexão, a educação e a ética na percepção ambiental.

Referências

ALMEIDA, Jozimar Paes de. *A extinção do arco-íris*. Campinas: Papirus, 1987.

ANDRADE, Thales de. *Ecológicas manhas de sábado*. São Paulo: Annablume, 2003.

AZEVEDO, I. B. de. *O prazer da produção científica: diretrizes para elaboração de trabalhos acadêmicos*. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

BYRON, Lord. *Childe Harold's Pilgrimage*. Inglaterra, 1818.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro – RJ: Editora Contraponto, 1997.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2008.

LECLERC, Max. Apud MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Tradução Ary França e Raul A. Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

LOVE, Joseph. *A Locomotiva*. São Paulo: Paz e terra, 1982.

SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VERNIER, Jacques. *O meio ambiente*. Tradução Marina Appenzeller. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

An. Sciencult	Paranaíba	v. 2	n. 1	p. 225-231	2010
---------------	-----------	------	------	------------	------